

Miguel Munitz
Lisboa

Henrique

Era uma vez o seu tempo

Homenagem de amigos e admiradores

Coordenação de

Leonor Simas-Almeida

Maria João Ruivo Sousa

Onésimo Teotónio Almeida

Título: Fernando Aires: Era uma vez o seu tempo
Homenagem de amigos e admiradores

Edição: Instituto Cultural de Ponta Delgada

Prefácio: Onésimo Teotónio Almeida

Coord. editorial: Leonor Simas-Almeida; Maria João Ruivo;
Onésimo Teotónio Almeida

Ilustrações: Tomás Borba Vieira

Projecto Gráfico e Paginação: Carlos Sousa

Design da Capa: Carlos Sousa

Fotografia da Capa: José Manuel Franco

Execução gráfica: Coingra, Lda.

Parque industrial da Ribeira Grande
www.coingra.pt

Tiragem: 400 exemplares

Depósito Legal: 337698/11

ISBN: 978-972-9216-97-8

Um último verdadeiro *gentleman*

Uma vez Fernando Aires convidou-me a almoçar em sua casa. Eu vivia nessa altura em S. Miguel, enquanto trabalhava no volume açoriano da série "World Bibliographical Series", e estava a rever um bom número de obras da literatura açoriana, incluindo os diários de Aires *Era Uma Vez o Tempo*. Ele aceitara conversar comigo sobre algumas das obras para me ajudar nas minhas recensões.

Esse almoço não foi a primeira vez que nos encontramos. Durante os anos em que vivi nos Açores, fui, ocasionalmente, compincha social de Fernando Aires embora, como luso-americano, descendente de emigrantes, eu fosse para ele uma espécie de curiosidade exótica. Já tomara um copo com ele, por aqui e por ali na cidade, nos muitos lançamentos de livros e nas conferências públicas que servem de fulcro ao calendário social dos intelectuais e escritores micaelenses, e tivera a sorte de travar muitas conversas com ele. Por mais impenetráveis que fossem algumas delas, dada a diversidade dos nossos antecedentes, eram sempre animadas.

Para mim, Aires tinha o ar de antediluviano aristocrata, com a ondulada cabeleira branca afastada da sua larga

fronte, o bizarro sorriso oblíquo, em que o lábio superior sempre parecia ficar preso num dos dentes quando ele se entusiasmava particularmente com um qualquer tópico; as sobrancelhas escuras, espessas e verticais; e, claro, o seu ubíquo lenço de seda sob o colarinho das camisas crispadamente engomadas.

O almoço teve a marca clássica de Fernando Aires. À hora marcada, toquei a campainha da sua casa de Ponta Delgada. Do lado de fora, mal se notava o lugar, mas assim que se transpunha o limiar do seu pórtico, era como se regressássemos aos finais do século XIX – as salas, o mobiliário e os objectos decorativos eram apenas uma parte: o próprio Aires completava a imagem, com a sua figura de membro simpatizante da velha aristocracia micaelense. Sua esposa serviu-nos aperitivos numa ante-câmara, antes de nos servir o almoço na sala de jantar. No fim, trouxe-nos uísques ao gabinete de Aires, forrado de livros, antes de ter sido mandada embora cerrando atrás de si uma alta porta, para que os homens discutissem assuntos sérios. As celebrações do milénio estavam então acontecendo em Ponta Delgada e, pensando nesse meu almoço com Fernando Aires, fiz a piada de que era bom entrar-se enfim no século XXI, pois talvez forçasse algumas pessoas a penetrarem no XX.

Muitas das suas ideias sobre o mundo da política reflectiam um homem que ainda não fizera essa transição. Ele falava da América como uma terra selvagem e barbárica, com a sua violência; com as suas políticas de igualdade étnica, racial e sexual; com a sua falta de hierarquia social. Mesmo perante a sua própria acção, na década de 40, como

elemento fundador do Círculo Literário Antero de Quental para introduzir os Açores na modernidade, tive sempre a impressão de que ele não tinha ainda uma noção clara de como fazer sentido no mundo moderno. Não por falta de compreensão dele, mas porque esse mundo parecia alheio a alguém de tão refinada sensibilidade como a sua.

O mais interessante é que, embora os que se adequam a uma tal descrição sejam inevitavelmente insuportáveis, esse não era de todo o caso de Fernando Aires. Apesar do seu porte aristocrático e patricio, o humanismo de Aires não era fechado; ele era um homem intensamente tocado pelas coisas belas e simples da vida. E tinha uma profunda preocupação com os Açores, os açorianos, a justiça e a condição humana em geral.

Uma vez estávamos em grupo, jantando num novo restaurante caro e refinado, na *penthouse* da torre de apartamentos sobranceira à praia do Pópulo. Isso antes da introdução da Eurozona, e da explosão de companhias internacionais que desceram às ilhas em cata do dinheiro turístico. Contemplando a vista da perspectiva desse monumento de aço e vidro de moderna arquitectura industrializada que abriga o restaurante, Aires à janela, observando o oceano, suspirou: “A pouco e pouco vamo-nos lentamente transformando na Madeira.”

O comentário reflectia um homem profundamente preocupado com as pessoas e o seu bem-estar. Apesar dos esforços em algumas áreas (não todas, obviamente) envidados pelo Governo Regional no sentido de preservar os Açores da venda dos recursos ilhéus, marca da economia turística da Madeira, a observação presciente de Aires foi, para mim,

um toque de sinos anunciando as eventuais mudanças que continuam a alterar a paisagem micaelense.

Fernando Aires também soube desfrutar do prazer na exploração do novo, mesmo que o tenha feito do ponto de vista insular de um ilhéu. Numa das muitas tertúlias, com uísque e vinho, no apartamento de Vamberto Freitas, eu preparei uma vez autênticos “tacos” mexicanos. Um amigo meu dos Estados Unidos, que me visitara, tinha-me trazido algumas *tortillas* autênticas da *tortilleria* de que era proprietária uma família de emigrantes mexicanos em Providence. Grelhei carne de vaca e de galinha marinada em *tequila*, cozinhei alguns refritos, feijão preto, *jalapeños*, arroz, todos os ingredientes, e deixei-os à disposição, tipo prepare o seu próprio taco. Nunca teria imaginado isso possível, mas Aires alinhou completamente, enchendo taco sobre taco de carne e feijão, enquanto saboreava a sua *margarita*. Senti-me como um jovem navegador português de 1500, acabado de regressar da Índia, apresentando algum raro e refinado fruto de Calcutá a um nobre da casa de Bragança. Mas lá estava Aires devorando tacos, sempre com o lábio superior colado ao dente da frente.

Claramente, nada disto tem a ver com a sua escrita. Embora, não sei, talvez tenha tudo a ver com ela. Eu estava familiarizado com a obra de Aires, graças às minhas resenhas, mas só depois de desenvolver a relação íntima que se tem com um escritor que se está a traduzir é que ganhei um apreço verdadeiro pela beleza do seu “proxémico” talento.

Quer dizer, quaisquer que sejam os pecados de que um jovem irreverente como eu possa acusar alguém de outras eras como Aires, tudo ficou perdoado após a leitura da sua

escrita. Rica prosa-poesia portuguesa, desenrolando-se em pontuação *staccato*, imagens oferecidas em sugestivas frases, uma após outra, até que a soma de todas nos faça desejar muito para além da distância coberta por ideias individuais. É uma escrita bela e comovente que revela um mundo de reflexão. Por meio da sua escrita era como se Aires, o homem, pudesse existir no interior de universos onde Aires, o aristocrata de espírito, pudesse ser apenas espectador. Às vezes, ler as suas descrições dos mais quotidianos aspectos da vida açoriana era como ver as coisas a cores pela primeira vez. Há uma fértil profundidade nos Açores revelados na prosa de Aires que nunca alguém tinha visto antes nas ilhas; e depois de se ler Aires, nunca mais se pode ver os Açores exactamente da mesma maneira.